Notas sobre o Problema da Comunicação em Gilles Deleuze[1]

Alessandro Carvalho Sales[2]

Universidade Federal de São Carlos e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo

Resumo

Este texto busca problematizar algumas observações concernentes à questão da comunicação na contemporaneidade, bem como propor um certo recorte de trabalho dentro da produção do filósofo francês Gilles Deleuze (1925-1995), de acordo com suas possíveis contribuições no tocante a um tal debate. Num segundo momento, tecemos comentários acerca de certas especificidades de seu pensamento.

Palavras-chave

Deleuze; Comunicação; Filosofia; Sentido; Pensamento

1.O Problema da Comunicação em Gilles Deleuze: Uma Proposta de Trabalho

As inúmeras tentativas atuais de se pensar a comunicação são convocadas pelo contexto contínuo e veloz das inovações tecnológicas, contexto que é o nosso, que nos afeta, e que parece bastante alicerçado nestes suportes maquinais que são ditos de comunicação. O assunto está na ordem do dia. Percorramos algumas de suas vias mais correntes:

> O termo designa, em geral, o ato de transmitir e trocar signos e mensagens, referindo-se mais além à circulação de bens e pessoas. De forma mais ampla, ele se aplica aos processos técnicos de transmissão e troca de mensagens que vieram com a imprensa, o rádio, a televisão, os satélites (...) Afora isso, a comunicação social supõe um plano interpessoal, um plano mediatizado (executado por empresas) e um plano institucionalizado (transmissão cultural, social etc).[3]

Estamos justamente diante de perspectivas que enfatizam o lado empírico e visível, a fala vazia e a palavra de ordem, o senso comum do problema, tudo aquilo de que queremos, com Deleuze, nos evadir. Ciro Marcondes Filho diz que se trata, em geral, de conceituações tecnocráticas do ato comunicativo, que apenas traduzem, numa perspectiva oficial e conservadora, a incomunicabilidade patente que marca as sociedades atuais.[4] Lucien Sfez estende uma tal condição ao âmbito majoritário dos estudos da área, quando declara a existência de uma patologia das teorias de

[1] Trabalho apresentado à Sessão de Temas Livres.
[2] Graduado em Computação (UECE) e em Comunicação (UFC), mestre em Comunicação e Semiótica (PUC-SP). É doutorando em Filosofia pela UFSCar e bolsista Fapesp. Mail: alessandro_sales@uol.com.br
[3] Ciro Marcondes Filho, *O Espelho e a Máscara: O Enigma da Comunicação no Caminho do Meio*, p. 9.
[4] *Op. cit.*, p. 10.

comunicação, na medida em que valorizariam um *cogito* tautológico como verificação ("repito, logo provo") aliado a um certo encerramento surdo e solipsista, conjunção que o teórico designa por tautismo e que não teria outra saída senão o crédito em um deus "computacional" e na religião de uma comunicação vazia.[5] Ao que tudo indica, na sociedade de comunicação, e mesmo nos seus departamentos acadêmicos, muito pouco se comunica.

Para divisar ainda mais a complexidade deste contexto, atentemos então para a imensa proliferação de aportes teóricos que desembarcam seu arsenal na área de pesquisas acadêmicas que se convencionou chamar de comunicação. Antropólogos, filósofos, lingüistas, psicanalistas, críticos literários, sociólogos, cientistas da computação, entre outros, têm se interessado pelo setor, tão recente (pelo menos institucionalmente) quanto já variado. Vejamos:

> (...) é preciso aceitar e acolher o caráter polimórfico desse objeto. Se para Eduardo Neiva, a essência do objeto são os problemas lógicos, não será menos válida, por exemplo, a perspectiva de Umberto Eco, para quem todo ato de comunicação é um ato cultural. Lógica, linguagem, cultura e imagem são apenas algumas das interseções que surgem no interior do campo múltiplo da comunicação.[6]

O que tem ocorrido de modo rápido e quase inexorável com a comunicação – certamente porque a área acabou muito potencializada e visada em função dos avanços tecnológicos e dos maquinários que lhe dizem respeito – provavelmente também se dá (ou está por se dar) em outros setores de estudos. Isto tudo nos parece um nítido sintoma da contemporaneidade, quando cada vez mais se evidencia – eis o fato principal em jogo – a densidade, a multiplicidade, "o caráter polimórfico" do real.

E, no entanto, há uma tônica muito forte, em grande parte dos departamentos de comunicação, vinculada a um estéril discurso tecnicista e objetivista, possível nostalgia de um absoluto que ainda deixa suas sombras...[7] Consideremos também que a busca por esse discurso positivo e acabado quanto à comunicação talvez não esteja tão afastado do seu outro, o avesso ressentido que costuma se manifestar sob as formas de um niilismo radical ("nada é possível") ou, quando não, de um *anything goes* ("tudo é possível").

Como pois escapar destes discursos totalmente positivos (de um lado), niilistas ou cínicos (de outro), e tentar problematizar – de perto, com o mínimo possível de

[5] Cf. Lucien Sfez, *Crítica da Comunicação*, p. 77.
[6] Érick Felinto, *"Isto não é um Cachimbo nem um Objeto de Comunicação": Notas sobre o Estado Atual da Teoria da Comunicação no Brasil e Algumas Convergências Interessantes com os Estudos Literários*. Hipertexto: www.intercom.org.br/papers/xxiii-ci/gt10/art-gt10.html
[7] Cf. Érick Felinto, *op. cit.*

abstrações e com o rigor devido – a multiplicidade que se nos apresenta? Eis uma questão que, de uma maneira ou de outra, formulada muito diversamente, se interpõe a praticamente todas as áreas do conhecimento.

Optamos e apostamos na especificidade da comunicação como um problema filosófico. *Grosso modo*, perguntamos: como é possível que nos comuniquemos? Em termos conceituais, que condições facultam uma comunicação? O que seria, enfim, tal comunicação? Que ontologia seria capaz de dar sustentação a esse fenômeno? Quais as conseqüências pragmáticas de uma tal conceituação? É certo que caminhos para estas interrogações devem cruzar, em variados instantes, com o que examinávamos há pouco.

O trabalho de Gilles Deleuze nos parece uma trilha profícua diante do conjunto de problemas expostos. Nesta produção, se sucedem e se entrelaçam, apenas para citar alguns dos casos mais patentes, teorias da diferença, da expressão, do desejo, das multiplicidades, da sensação, da dobra...

Acreditamos que há também – embora talvez não de maneira tão óbvia – uma completa teoria da comunicação em Deleuze. Em nossa perspectiva, as *bases* desta teoria ficariam bem assinaladas, relativamente ao recorte entre *Nietzsche e a Filosofia* (1962) e *Diferença e Repetição* (1968), em função de três tópicos principais: uma semiótica, uma ontologia comunicante, suas interrelações.

O autor, ao elaborar uma tal filosofia, não deixou de valorizar a face empírica das coisas, mas, paradoxalmente, também acentuou sua face virtual ou transcendental, gerando uma perspectiva que diríamos inovadora e radical. Esta perspectiva – afirmação que se dá em meio à complexidade do hoje – se contrapõe às definições comuns, meramente empíricas, tecnocráticas de comunicação, que parecem bem mais fazer valer uma condição solipsista. Como disse Lyotard em um texto-homenagem a Deleuze: "*O sentido é uma flor inesperada, um suplemento de tensão que brota num encontro, inapreensível para os hermeneutas e outros semióticos*".[8]

Eis talvez a grande novidade proposta por Deleuze relativamente aos estudos mais tradicionais na área: pensar a comunicação especialmente a partir do problema da produção de sentido, sentido que é indissociável de uma face transcendental, seu duplo ontológico. Acentuemos ainda que este transcendental não é decalcado sobre o empírico, mas, ao contrário, é seu avesso, sua diferença.

[8] No texto *O Tempo que Não Passa*, de Jean-François Lyotard. Referência: PELBART e ROLNIK (orgs). *Cadernos de Subjetividade: Dossiê Deleuze*. São Paulo: Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade, PUC/SP, jun. 1996, p. 46.

2.Pensamento e Sentido

Na realidade, praticamente toda a obra de Deleuze nos parece atravessada por questões ligadas ao tema da comunicação. Tomemos, neste instante, a *Lógica do Sentido* (1969). É possível aí investigar numerosas nuances do nosso assunto, simplesmente acompanhando, por exemplo, os argumentos apresentados no andamento de suas onze primeiras séries, espaço que Deleuze percorre para anunciar – em letras garrafais – a nova do sentido como produção. O sentido é sim produzido, mas precisamente em função de seu lado transcendental, seu outro, um não-sentido cujo movimento ininterrupto configura relações diferenciais, clareia singularidades. Este não-sentido vem sempre de fora, ele é a exterioridade que provoca e desata a produção de sentido, iluminação inventiva das singularidades.

Em Deleuze, o que pode dar a pensar mais que o próprio pensamento? Ao longo do percurso acima mencionado, poderíamos observar o quanto o autor retoma seguidamente seus conceitos, sempre segundo renovados pontos de vista, o quanto ele provoca e cria novas relações. Se, no caso, o agenciamento primeiro é com o acontecimento estóico, em breve este é tomado por uma leitura particular de sua estrutura, que, por sua vez, cede ao filósofo a idéia das singularidades, e, especialmente, a mais singular delas, casa vazia. Estas singularidades vão ficar ainda mais fluidas, mais autônomas, nas séries vindouras da *Lógica do Sentido*, nas obras posteriores de um modo geral.[9]

A filosofia que se trama segundo o acontecimento, de acordo com uma estrutura, que vai se dispor cada vez mais nas séries e nos trabalhos seguintes em termos do movimento das singularidades, esta filosofia vai em busca de conexões, se renovando, se perspectivando, variando sempre. Mas justamente não é isto o pensamento? Não se trata mesmo de estar continuamente procurando novos ângulos, inventando novas perspectivas, sempre em função de algo que dá a pensar? Eis que a filosofia do sentido revela, em ato, o seu próprio sentido. Este tipo de metalingüística, já presente em *Lógica do Sentido*, vai se acentuar cada vez mais.

O contemporâneo parece ser o momento em que se difunde a idéia de que todo objeto é x, que tecer um objeto é fazer dele um x. Lidar com um objeto é desvendar-lhe um segredo, que, no entanto, jamais se revela de todo. Segredo sentido. Mas dar sentido

[9] É o que deduzimos diante do que está por acontecer no livro: o enfeixamento conceitual destas singularidades em um campo transcendental sem sujeito. Já *Mil Platôs*, por exemplo, é um livro todo ele dedicado às singularidades enquanto uma teoria das multiplicidades (cf. vol. 1, prefácio para a edição italiana, p. 8).

a um objeto é precisamente construí-lo. Urdir um objeto é lhe erigir em sentido. O objeto = x é também ação = x. O objeto em si é aqui posto como inseparável de uma pragmática. Como ter o sentido à mão? Como podemos conquistá-lo? *"Basta que nos dissipemos um pouco, que saibamos estar na superfície, que estendamos nossa pele como um tambor, para que a 'grande política' comece*".[10] Será preciso fazer, ensaiar, experimentar. Ir.

Referências bibliográficas

DELEUZE, G. (1969) *Lógica do Sentido*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1998.

DELEUZE, G. (1962) *Nietzsche e a Filosofia*. Rio de Janeiro: Ed. Rio, 1976.

DELEUZE, G. (1968) *Diferença e Repetição*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1988.

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. (1980) *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

FELINTO, Erick. *'Isto não é um Cachimbo nem um Objeto de Comunicação': Notas sobre o Estado Atual da Teoria da Comunicação no Brasil e Algumas Convergências Interessantes com os Estudos Literários*. Hipertexto: http://www.intercom.org.br/papers/xxiii-ci/gt10/art-gt10.html Acesso em 10/06/2005.

LYOTARD, J.-F. O Tempo que Não Passa. In: PELBART e ROLNIK (orgs). *Cadernos de Subjetividade: Dossiê Deleuze*. São Paulo: Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade, PUC/SP, jun. 1996.

MARCONDES FILHO, C. *O Espelho e a Máscara: O Enigma da Comunicação no Caminho do Meio*. São Paulo: Discurso Editorial; Ijuí: Editora Unijuí, 2002.

SFEZ, L. (1990) *Crítica da Comunicação*. São Paulo: Loyola, 1994.

[10] *Lógica do Sentido*, p. 75.